

A relação professor–pesquisador: conquistas, repercussões e embates da pesquisa colaborativa

Laurizete Ferragut Passos*

Resumo

O artigo busca discutir aspectos recorrentes nos diversos trabalhos que tratam da temática da relação professor–pesquisador e das tentativas de teorização provocadas pelas pesquisas que se debruçam sobre ela. Partindo da revisão de alguns estudos, o artigo indica que esta relação encontra terreno fértil nos trabalhos de pesquisa colaborativa, o que tem possibilitado novas compreensões e discussões sobre trabalho docente, socialização e identidade profissional do professor. Defende-se, também, a idéia de que essa perspectiva de pesquisa que aproxima os pesquisadores do trabalho cotidiano do professor possa estimular a produção de novos conhecimentos, estimular mudanças das práticas de sala de aula e também influenciar mudanças institucionais, mas, sobretudo defende a idéia da incorporação dos resultados dos estudos pelas políticas públicas de formação de professores. Desse modo, as duas últimas indicações ainda se apresentam como caminhos a serem conquistados em relação ao papel das pesquisas colaborativas, ou seja, o impacto desse processo de pesquisa na cultura escolar e o apoio das Secretarias de Educação Estadual e/ou Municipal com o objetivo de propiciar condições para o desenvolvimento desse tipo de pesquisa.

Palavras-chave: Formação de professores; Professor–pesquisador; Pesquisa colaborativa.

The teacher–researcher relationship: conquests, repercussions and impact on collaborative investigation

Abstract

Beginning by stating that nowadays we are living at a time that we seek to shorten the distances existing between academic researchers and school teachers I, therefore, felt the need to revisit my research which I completed exactly ten years ago and which discussed the teacher–researcher relationship as being fundamental to the process of forming educators and reflections on their experiences in a collaborative action-research project. The growth of scientific output that assumes this perspective and, principally, the wealth of analyses about new aspects related to this theme have made it possible to point out the gains and the risks that reside in this so-called collaborative research. In this article, I intend to discuss recurring aspects in the numerous studies that address the teacher–researcher relationship and the theorizing attempts provoked by these inquiries which have facilitated new understanding and discussions about teaching, socialization and professional identity of the teacher. The idea that this perspective of bringing the researcher closer to the daily activities of the teacher has been defended as able to stimulate the production of new knowledge, stimulate changes in classroom practices, as well as influence institutional changes. And, most of all, it defends the idea of incorporating the results of these studies into teacher formation public policy.

Keywords: Teacher education; Researcher–teacher; Collaborative research.

Introdução

A proposta deste trabalho nasce da necessidade sentida pela pesquisadora de retomar pesquisa realizada na primeira metade dos anos de 1990¹ e que envolveu um processo de trabalho coletivo junto a um grupo de professoras da educação básica durante três anos e se constituiu num projeto que combinou etnografia e pesquisa-ação colaborativa como possibilidade de trabalho conjunto da universidade e das escolas na formação de professores. As discussões e evidências trazidas pelo estudo somavam-se a outros realizados à época (André, 1994; Garrido, 2002; Geraldi, Fiorentini;

Pereira, 1998; Lüdke, 1993; Mizukami, 2003) e que provocavam a universidade no sentido de uma aproximação com as escolas públicas para a realização de pesquisas que tomassem o trabalho do professor e a reflexão sobre o mesmo como objeto de análise conjunta dos pesquisadores e dos professores da escola.

Quase dez anos do final desse projeto (Passos, 1997) e a partir de sua integração num movimento de valorização da pesquisa conjunta e da relação professor–pesquisador como fundamentais no processo de formação e reflexão dos professores sobre sua prática, pode-se, hoje, constatar o crescimento da produção científica que toma tal perspectiva e,

* Endereço para correspondência:

E-mail: laurizet@terra.com.br

principalmente, a riqueza de análises que, ao aprofundar novos aspectos em relação à temática, apontam os ganhos e os riscos que residem nas pesquisas chamadas colaborativas.

Pretendo discutir, neste artigo, aspectos recorrentes nos diversos trabalhos que tratam da temática da relação professor–pesquisador e as tentativas de teorização provocada por essas pesquisas. Busco também indicar que essa relação encontra terreno fértil nos trabalhos de pesquisa colaborativa e tem possibilitado novas compreensões e discussões sobre trabalho docente e identidade profissional do professor. Defendo também a idéia de que essa perspectiva de pesquisa que aproxima os pesquisadores do trabalho cotidiano do professor estimule a produção de novos conhecimentos que possam extrapolar as contribuições para mudanças nas práticas de sala de aula e influenciar mudanças institucionais, além de informar sobre as lições tiradas desse tipo de pesquisa e que devem incorporar as políticas públicas de formação de professores.

Professores e pesquisadores: o encurtamento das distâncias?

Tomo esse subtítulo como uma questão a ser ainda muito discutida entre nós, professores e pesquisadores brasileiros, e respondê-la exigiria uma síntese maior dos estudos para que se possa mostrar que vivemos um momento fértil nas articulações entre a pesquisa e os professores da escola básica. Este olhar positivo e otimista presente na afirmação instalou-se a partir da retomada e, importante observar, pela simples consulta dos anais dos cinco últimos Endipes. Pode-se perceber, pelas temáticas apresentadas, o crescimento das pesquisas e trabalhos que focam a aproximação das escolas e dos professores à pesquisa, bem diferente, hoje, se comparada à dificuldade de acesso à bibliografia nacional quando da minha pesquisa inicial sobre o tema, no início dos anos de 1990.

Também nas pesquisas apresentadas junto ao grupo Formação de Professores da Anped – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação do qual faço parte, pode-se acompanhar a evolução e crescimento do número de trabalhos nos últimos anos e que, pelo tipo de temática e abordagem de pesquisa, mostram que a aproximação dos pesquisadores da academia com a escola básica e seus professores vem crescendo (Brzezinski; Garrido, 2002; Lima, 2004).

Confesso, entretanto, que meu entusiasmo com esse momento de crescimento da aproximação dos professores à escola básica e à pesquisa ficou parcialmente arrefecido quando busquei outros dados na

literatura que apontaram pontos frágeis desta relação. Destaco, aqui, que os artigos trazidos pelo *Cadernos de Pesquisa* n. 125/2005 sobre pesquisa e formação docente, organizados pela pesquisadora Menga Lüdke e que foram fundamentais na minha reflexão. Felizmente, chegaram à minhas mãos no auge do meu entusiasmo e quando iniciava a preparação desta parte do artigo.

Encontram-se neles, análises de pesquisadores nacionais e internacionais abordando a complexidade da relação do professor da escola básica com a pesquisa, assim como o aprofundamento de diferentes aspectos em sua defesa e na direção de preservar o rigor e exigências necessárias a uma pesquisa científica.

A proposta apresentada por Tardif e Zourhlal (2005, p. 16) em sua recente pesquisa, toma como ponto de partida a análise de resultados de estudos e sínteses dos últimos 20 anos no Canadá e Estados Unidos sobre as relações entre a pesquisa acadêmica sobre o ensino e a prática profissional dos professores e aponta um quadro nada animador sobre elas. A pequena relevância da pesquisa acadêmica em educação e as dificuldades para sua transferência, recepção e utilização pelos professores, denunciadas pelos relatórios produzidos nos Estados Unidos, como o Holmes Group de 1986 e os dele decorrentes, provocaram, principalmente no Canadá, novos estudos e indicaram que a universidade desconhece a natureza do trabalho dos professores e da epistemologia da prática profissional.

O autor comenta que as reformas e pesquisas realizadas pelos pesquisadores de Quebec nos anos 1990, visando promover “uma nova e maior articulação entre a pesquisa e os professores” (2005, p. 15), foram decorrentes de pressões dos professores e do Ministério de Educação e que, mesmo considerando os novos estudos, ainda se sabe muito pouco sobre as concepções e práticas dos pesquisadores em relação aos resultados e difusão de suas pesquisas junto aos professores. Da mesma forma, segundo ele, pouco se sabe também sobre quais necessidades dos professores dependem de pesquisas e quais as suas expectativas, representações e saberes diante da pesquisa acadêmica sobre o ensino.

É para esse foco que se dirige a pesquisa atual de Maurice Tardif, notadamente sobre a transferência da pesquisa acadêmica para os professores, as políticas e práticas de difusão, as dificuldades e propostas de soluções para a circulação das pesquisas junto a esses profissionais. O autor analisou entrevistas com presidentes das principais associações de classe, pesquisadores e representantes do Ministério de Educação tentando captar suas percepções quanto à relação entre professores e a pesquisa. Ele buscava definir também, qual seria a pesquisa que atenderia melhor às necessidades da prática profissional dos professores.

Alguns pontos trazidos pelo estudo do pesquisador canadense em relação ao pouco acesso dos professores às pesquisas assemelham-se aos problemas vividos por nós brasileiros e têm sido objeto de discussão entre nossos pesquisadores.

Indicarei alguns desses pontos e sem a preocupação de mostrar de qual grupo de entrevistados se origina. Um dos que chamou nossa atenção refere-se ao fato de serem os professores novatos ou com condições precárias de trabalho os que menos se interessam pelos resultados de pesquisa ou a ele têm acesso. Nesse sentido, o fator tempo, ou seja, a falta dele seria outro impedimento para tal acesso.

Outro motivo do distanciamento das pesquisas pelos professores está relacionado aos produtos acadêmicos, que são considerados abstratos pelos professores e descontextualizados da prática cotidiana. Foi também registrado que tanto as escolas como os seus professores sentiam que a sua participação nas pesquisas servia mais para atender aos problemas profissionais dos pesquisadores e esses mesmos professores sentiam-se usados como laboratórios para tais pesquisas. Além disso, não há reconhecimento e valorização dos professores que participam de pesquisas pelo próprio sistema escolar.

Outro fator fortemente indicado é o papel da formação inicial como determinante do interesse dos professores pelos resultados de pesquisas. Desde sua formação, os professores deveriam ter contato com a pesquisa, não de forma pragmática como apontaram os resultados do estudo, mas a partir de processos de iniciação à pesquisa sobre o ensino.

Apesar dos resultados, que apontaram para o fosso existente entre os pesquisadores e os professores e entre a pesquisa acadêmica e a prática docente, duas considerações merecem destaque.

A primeira é que os autores do estudo indicam como hipótese que essas relações não estão ligadas a fatores individuais, mas a sistemas profissionais em vigor no mundo acadêmico e no ensino básico, o que revela o peso do fator político nas decisões sobre difusão das pesquisas. A segunda, e mais diretamente ligada ao nosso texto, refere-se à proposta de pesquisas realizadas em parceria com projetos definidos em conjunto e respeitando as peculiaridades da escola e os conhecimentos dos professores. Eles defendem que a pesquisa colaborativa deve ocupar mais espaço e ter maior importância e reconhecimento por parte da academia.

A pesquisa de Lüdke (2001; 2005) sobre o professor da escola básica e a pesquisa nasceu de constatação realizada num estudo anterior sobre socialização profissional, em que professores formadores

de futuros professores, seja no ensino médio seja na licenciatura, não consideraram a pesquisa como componente necessário para a formação do professor. Algumas considerações já vêm sendo trabalhadas pela professora, com base na pesquisa ora em desenvolvimento com 70 professores de 4 escolas públicas do Rio de Janeiro consideradas privilegiadas no que se refere a recursos básicos para atividades de pesquisa.

A concepção de pesquisa por parte dos professores revelou-se, segundo a autora, flexível, ambígua e não-consensual, apontando que esses professores incluíam, aí, desde projetos de seu mestrado ou doutorado até projetos amplos em que participavam e que nem sempre se constituíam como pesquisa. Atividades integradas ao trabalho docente ou participação em equipe de pesquisa voltadas para produção de material didático também foram indicadas.

Dentre os resultados já trazidos para análise nos artigos e conferências realizadas pela pesquisadora, percebe-se a proximidade dos resultados com os recentes estudos de Tardif. Aspectos relacionados à estrutura da instituição, às condições de trabalho, aos tipos de contrato de trabalho e apoio financeiro são indicadores importantes e revelam que o reconhecimento e valorização da pesquisa como parte integrada do trabalho do professor pela instituição só tende a aproximá-lo dela.

O ponto que pareceu bastante forte na aproximação entre os dois estudos refere-se à formação dos professores para a pesquisa no momento de sua graduação. Ela deveria ser assumida, segundo os depoimentos, como princípio básico da proposta curricular. Também ganhou destaque a participação em projetos de iniciação científica e o próprio projeto de monografia de final de curso.

Dos aspectos analisados nas duas pesquisas (Tardif, Zourhhal, 2005; Lüdke, 2005), pode-se perceber o cuidado dos autores com a não-hierarquização entre pesquisa acadêmica e pesquisa do professor. A busca de um consenso em torno do conceito de pesquisa ou a ampliação do conceito de modo a abarcar critérios e perspectivas múltiplas e que se aproximem mais da pesquisa do professor tem sido matéria de discussão de outros autores internacionais, como Cochran-Smith (2005) e Zeichner (1998), e nacionais, como André (2001) e Diniz Pereira (2002).

O envolvimento dos profissionais da escola em projetos de pesquisa-ação e pesquisa colaborativa é indicado por Zeichner e Pereira (2005) como possibilidade não só de superação da hierarquia já comentada aqui, mas como contribuições para a educação e a transformação social a partir das aproximações e possíveis alianças das escolas e universidades em discussões e projetos de pesquisa.

Um aspecto importante no caso brasileiro é discutido por André (2001) em relação ao documento do Conselho Nacional de Educação sobre Diretrizes para Formação Inicial de Professores da Educação Básica em Cursos de Nível Superior. Nele a pesquisa é incluída como elemento essencial da formação do professor, porém, segundo a pesquisadora, deixa dúvidas quanto à concepção de pesquisa focalizada, tendendo a fortalecer a dicotomia entre pesquisa acadêmica e pesquisa do professor.

A pesquisa colaborativa também é apontada pela autora como um caminho que tem combinado as duas pesquisas e trazido benefícios para ambas, além de ter possibilitado reduzir as distâncias e ir adiante nas dicotomias presentes nesta relação.

Pesquisa colaborativa e o trabalho do professor

Diversos pesquisadores brasileiros têm se debruçado nas análises sobre a pesquisa-ação colaborativa (Franco, 2005; Garrido, E.; Fusari, J. C.; Moura, O.; Pimenta, S. G., 1998; Pimenta, 2005). Um dos que têm se aprofundado e trazido novos olhares sobre a pesquisa colaborativa é Fiorentini (2004; 2005), que tem direcionado seus estudos para a área de educação matemática e da formação dos professores de Matemática. O autor tem se aprofundado não só nas pesquisas que orienta e que tomam o trabalho colaborativo como subsídio teórico e metodológico, como também tem coordenado grupos de pesquisa na Unicamp, trabalhando com investigações sobre e com os professores.

A produção do autor e dos componentes desses grupos tem nos provocado em relação ao próprio uso da expressão colaborativa, hoje presente em muitas pesquisas. Confesso que em minha primeira pesquisa, que identifiquei como pesquisa-ação colaborativa, utilizei o termo sem a preocupação que tenho hoje, após as análises trazidas por esse pesquisador e seu grupo sobre o uso do termo.

Apoiados nas análises de Hargreaves (1998), Fiorentini e grupo têm identificado a dispersão semântica do termo e mapeado os múltiplos sentidos e modalidades de trabalho coletivo, dentre eles a pesquisa colaborativa, cooperativa e a pesquisa-ação. Ponto de destaque no trabalho de Fiorentini e seu grupo refere-se à sistematização cuidadosa das pesquisas sob sua orientação, em que são discutidos pontos que vão dos procedimentos teórico-metodológicos à contribuição desses estudos para novas pesquisas e para a formação continuada de professores.

Alguns resultados das contribuições trazidas pelos estudos analisados pelos autores acima se referem

às pesquisas finalizadas a partir do ano 2000 e apresentam semelhanças e proximidades com minha pesquisa finalizada em 1997.

Destaco aqui alguns desses aspectos e sem a preocupação de realizar o mesmo caminho de discussão, seja do ponto de vista teórico seja metodológico. O primeiro está ligado ao clima e modo de trabalho vivido.

Na pesquisa realizada em 1997, tal aspecto apresentou-se evidenciado. A questão da possibilidade de professores, pesquisadores e coordenador pedagógico compartilharem novos aspectos de análise teórica e prática sobre o trabalho dos primeiros e sobre encaminhamentos e decisões também compartilhadas dos caminhos da pesquisa em andamento decorreu do clima de trabalho baseado na confiança, compartilhamento e estudo.

Outro aspecto a ser destacado na minha pesquisa refere-se à regularidade dos encontros semanais, que reuniam sempre o mesmo grupo da escola e o pesquisador da universidade e centravam-se na elaboração do projeto pedagógico construído em torno das necessidades daqueles professores e respeitando as circunstâncias e o contexto de trabalho.

Dessa forma, as mudanças que os professores procuravam fazer em suas práticas estiveram aliadas aos projetos de mudanças da escola. A presença do coordenador pedagógico e o envolvimento e acompanhamento do trabalho pelo diretor da escola, discutindo conjuntamente o projeto coletivo para as séries iniciais, evidenciou que mudanças na escola significavam a mudança no trabalho do professor que nela atua.

O detalhamento dessas mudanças no trabalho aparece no relatório de pesquisa e implicou alterações não só do modo de atuar, ou seja, nas ações que envolvem o ensino na sala de aula, mas alterações nos ritmos, horários, relações com outros profissionais da escola.

Considerando ainda alguns elementos decorrentes de um trabalho colaborativo de duração mais longa e com encontros regulares, constatou-se que o processo de construção de um espaço em que o crescimento da confiança entre todos foi sendo conquistado e pode permitir o exercício da crítica, a troca dos sucessos e erros, a mobilização de resistências e possibilidades de criação nos leva a indicar que essas são características do trabalho do professor e, portanto, de sua profissão.

Trocas, decisões compartilhadas, estudo são constitutivos do trabalho de docência e implicam consciência, compreensão e conhecimento. Sobre essas bases, conforme Cunha (2005) é possível estabelecer a reflexividade e, com ela a perspectiva mais emancipatória da profissão.

O processo vivenciado pelo grupo de professores na pesquisa colaborativa tem me levado a refletir sobre o trabalho do professor hoje. Penso que teremos muito a caminhar em relação às condições presentes no trabalho do professor hoje (Passos, 2007), seja em relação às condições materiais e salariais, seja em relação à carreira, seja em relação ao trabalho docente como expressão do saber pedagógico (Brzezinski; Garrido, 2007).

De qualquer forma, vários episódios no desenvolvimento da pesquisa que realizei, e já apresentados em artigo (1999), revelaram que o trabalho de reflexão efetuado pelo grupo de professores com a pesquisadora e a coordenadora ganhava sentido à medida que a discussão a partir das necessidades, práticas e discursos que eram dos professores mostravam dar mais sentido ao seu trabalho.

Como destacam Tardif e Raymond (2000), ao trazerem a afirmação de Dubar de que o trabalho transforma objetos e situações em outras coisas, mas também possibilita que o trabalhador se transforme “em e pelo trabalho” (p. 209). Nesse sentido, é no trabalho e pelo trabalho que um processo de construção identitária se estabelece. A síntese de Raymond destaca a idéia:

Se uma pessoa ensina durante trinta anos, ela não faz simplesmente alguma coisa, ela faz também alguma coisa de si mesma: sua identidade carrega as marcas de sua própria atividade, e uma boa parte de sua existência é caracterizada por sua atuação profissional. Em suma, com o passar do tempo, ela tornou-se aos seus próprios olhos e aos olhos do outros – um professor, com sua cultura, seu étos, suas idéias, suas funções, seus interesses, etc. (2000)

Aliado a esse aspecto, pode-se indicar que a cumplicidade que foi sendo desenvolvida entre todo o grupo contribuiu para a responsabilidade compartilhada não só em relação ao desenvolvimento do projeto comum de trabalho e às experimentações e inovações realizadas nas salas de aula, como em relação aos problemas que envolviam posicionamentos do grupo sobre questões da organização da escola ou de relacionamento com os pais e a comunidade.

A questão do tempo torna-se fundamental neste modelo de pesquisa que também se constitui numa perspectiva de formação dos professores. Ele deve ser levado em consideração em processos voltados para elaboração, desenvolvimento e análise de projetos e/ou propostas de aprendizagem e mudança da prática de cada professor. A formação que se dá em continuidade demanda

um tempo necessário para reformulações de idéias, modos de ver, pensar e realizar.

É nesse sentido, de um trabalho formativo e em que o estudo, leituras e discussões teóricas estiveram presentes, que o tempo deve ser a preocupação prioritária. A questão do tempo ganha outra dimensão em processos em que a pesquisa colaborativa ou a pesquisa-ação são utilizadas. Elas se constituem importantes instrumentais de mudança, pois possibilitam a compreensão dos processos pessoais, profissionais e institucionais. E é nesse contexto que o pesquisador assume o papel de formador e, ao mesmo tempo, o de investigador. A produção de conhecimento sobre o processo vivenciado pelos professores ocorre ao mesmo tempo em que os professores são estimulados a discutir sobre sua prática e compreendê-la a partir de perspectivas teóricas oferecidas.

As evidências trazidas por este tipo de pesquisa indicam que é no “reconhecimento de que os professores são capazes de produzir saberes que são decorrentes de sua prática e de que pode refletir sobre eles com os seus pares e no sentido da superação do individualismo e na direção de uma cultura de partilha e colaboração reflexiva” (Passos, 1997, p. 112). Nesse sentido, a pesquisa colaborativa pode se revelar como uma estratégia importante para compreensão e ressignificação do trabalho docente.

Dez anos depois: conquistas, repercussões e limites das pesquisas colaborativas

Como destaquei no início do texto, a retomada da minha pesquisa realizada em 1997 foi provocada pela constatação do crescimento das pesquisas nos últimos dez anos que têm tomado a aproximação da Universidade com as escolas na perspectiva de um trabalho colaborativo professor–pesquisador.

Destaco que hoje já é possível indicar as conquistas, repercussões e limites de uma forma menos superficial e baseada num balanço das investigações produzidas e com base em critérios rigorosos exigidos pela academia. O mapeamento realizado por Molina (2007), embora não contemple os dez anos anunciados acima, mostrou tendências e, por que não dizer, reconhecimento da comunidade acadêmica em relação à relevância da pesquisa-ação em sua perspectiva colaborativa para o desenvolvimento e formação dos professores.

Em seu recente trabalho, o autor identificou 236 trabalhos que se definiram como pesquisa-ação e/ou investigação-ação nas dissertações e teses defendidas em 36 programas de pós-graduação em educação no Brasil² no período de 1997 a 2002. Desses, 89 inserem-se na categoria pesquisa colaborativa e o autor finalizou sua

amostra com 32 estudos que foram lidos e analisados integralmente.

Resgato aqui um dos aspectos recorrentes nos diversos trabalhos pela sua importância em relação ao envolvimento dos professores em práticas colaborativas entre si e com o próprio pesquisador: a socialização. E o que socializavam os professores nos estudos analisados? Molina (2007, p. 85) destaca que, de uma forma geral, o que era socializado dependia da necessidade dos professores e do grau de confiança estabelecido com o pesquisador e aponta alguns desses aspectos comuns socializados e recorrentes nos diversos estudos:

- Clima social, acadêmico e organizacional da escola;
- Análise de textos (acadêmicos, didáticos, literários, etc.);
- Questões vividas pelos professores – desde revelações pessoais até suas descrenças, medos e conquistas em relação ao seu trabalho, seja em seus aspectos procedimentais da pesquisa e da aula, seja em relação aos processos, problemas e resultados dos trabalhos junto aos alunos.

Já do ponto de vista da pesquisa acadêmica, os estudos apontaram objetivos traçados pelo próprio pesquisador em relação à socialização e ligados diretamente às questões da própria pesquisa, como planejar, estudar e avaliar periodicamente a pesquisa e encorajar os professores, pelo fortalecimento da união, a investigarem sua própria ação. Outros objetivos ligados às questões curriculares e questões pessoais também são detalhados por Molina em sua análise sobre o que os pesquisadores pretendiam socializar.

Do ponto de vista do processo de socialização ocorrido nos diversos grupos de pesquisa colaborativa e mostrado por Molina em sua análise, importa destacar os resultados trazidos em relação ao trabalho do professor. Além de os professores se conscientizarem do que já faziam, também reconheceram que necessitavam realizar mudanças em seu trabalho e que implicariam mudanças em sua visão do aluno; reconheceram também suas limitações em relação ao desenvolvimento das aulas e conhecimento dos conteúdos e à diferença e ao distanciamento entre o discurso e a prática.

O processo de socialização permitiu também que os professores melhorassem o olhar sobre si mesmos e sobre seu trabalho. Nesse aspecto, Molina (2007, p. 87) extrai da sua análise alguns dos efeitos significativos dos momentos de socialização e

recorrentes nas pesquisas estudadas: passaram a pensar criticamente as próprias queixas, deslocando-as do lamento para a responsabilidade coletiva; incluíram a pesquisa como prática cotidiana na sala de aula; a concepção do trabalho em sala de aula passa a ser encarada como desafiadora e prazerosa; passam a utilizar novas propostas de trabalho em sala de aula e mantêm compromisso com o encaminhamento das ações pedagógicas necessárias à superação das dificuldades de aprendizagem identificadas. O autor incluiu também a melhoria nas relações pessoais e profissionais, mostrando que os professores passaram a realizar ações conjuntas, seja em relação ao planejamento e propostas de atividades interdisciplinares, seja em relação às discussões teóricas mais acirradas. Assim, a aprendizagem dos professores ficou evidenciada em relação aos vários elementos que compõem sua prática didática e grande importância é dada à aprendizagem dos alunos.

Também foram apontadas as manifestações de resistências ao processo de socialização nos estudos analisados: dificuldades de compreensão em relação ao objetivo do projeto de pesquisa e em relação à abordagem metodológica; dificuldades de pensar coletivamente; dúvidas em relação ao tema pesquisado e diferenças de ordem pessoal entre os professores.

Um caminho ainda a ser conquistado quanto às pesquisas colaborativas refere-se ao impacto desse processo na cultura escolar. Ainda que Molina tenha destacado alguns estudos que apontavam o interesse do coordenador pedagógico ou do diretor em relação ao trabalho conjunto do pesquisador com os professores, na maioria das pesquisas não contou com o apoio desses para uma alteração, por exemplo, da organização dos horários das reuniões ou, ainda, tendo em vista propiciar condições adequadas para o trabalho acontecer. A mesma dificuldade foi constatada em relação às dificuldades impostas pelo sistema, no caso a própria Secretaria de Educação, que em um dos estudos divulgava a experiência da pesquisa-ação colaborativa, bem como a realização.

Para finalizar, fica para nós pesquisadores, que acreditamos na profícua relação entre pesquisadores e professores das escolas, o compromisso de tornar público os resultados dos estudos que tomam a pesquisa-ação colaborativa como possibilidade de transformar o trabalho do professor e, assim, tentar influenciar mudanças na organização das escolas e, mais fortemente, na forma como nossa profissão vem se constituindo. É preciso que essa relação de trabalho conjunto da academia com as escolas provoque mudanças também institucionais e de organização da profissão. Como sugere Nóvoa (2007):

É preciso buscar modelos de organização nas escolas que mudem as formas como os professores se organizam, como a profissão está organizada. A quem é que temos que prestar contas de nosso trabalho? Como é possível encontrar outro modelo de trabalho profissional, mais próximo da realidade institucional e que permita à profissão ter uma capacidade de intervenção que hoje em dia, é preciso reconhecer, ela não tem? Tem no nível político mais geral, na maior parte dos países, mas não no nível da organização da instituição concreta. E não tem no plano do reforço do que designamos por colegialidade docente, o grupo de professores daquela escola, em que seja possível consolidar formas de colaboração muito mais fortes. Continuamos a ser uma das profissões onde se colabora menos, do ponto de vista profissional. Não digo do ponto de vista sindical, porque muitas vezes é bastante mobilizada. Mas do ponto de vista do gesto profissional, do dia-a-dia profissional, da rotina, há um grande déficit de colaboração. E isso é fatal para nossa organização como profissão.

Notas

- ¹ A pesquisa refere-se ao meu doutorado, finalizado em 1997 na Universidade de São Paulo, sob a orientação da professora Marli André e cujo título é *A colaboração professor–pesquisador em projetos de pesquisa no interior da escola básica*.
- ² O número total de programas de pós-graduação em educação hoje no Brasil é de 78.

Referências

- ANDRÉ, M. E. D. A. O papel da pesquisa na articulação entre saber e prática docente. In: CLAVES, S. M.; TIBALLI, E. F. *Anais do VII Endipe*. Goiânia, 1994. v. 2.
- _____. *O papel da pesquisa na formação e na prática do professor*. Campinas: Papirus, 2001.
- BRZEZINSKI, I.; GARRIDO, E. O trabalho do GT Formação de Professores da Anped (1994-1998). In: ANDRÉ, M. *Formação de professores no Brasil (1990-1998)*. Brasília: MEC; Inep; Conped, 2002.
- _____. Trabalho docente: mapeando a pesquisa em teses e dissertações brasileiras. *Educação e Linguagem*, ano 10, n. 15, p. 60-81, 2007.
- COCHRAN-SMITH, M. Teacher educators as researchers: multiple perspectives. *Teaching and Teacher Education*, n. 21, p. 15-25, 2005.
- _____. *Horizontes*, v. 25, n. 1, p. 55-62, jan./jun. 2007
- CUNHA, M. I. Globalização, educação e formação docente. *Educação e Linguagem*, n. 9, p. 145-158, jan./jun. 2004.
- _____. *Formatos avaliativos e concepção de docência*. Campinas: Autores Associados, 2005.
- FIORENTINI, D. P. Pesquisar práticas colaborativas ou pesquisar colaborativamente? In: BORBA, M.; ARAÚJO, J. L. *Pesquisa qualitativa em educação matemática*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 47-76.
- _____; NACARATO, A. M. *Cultura, formação e desenvolvimento profissional de professores que ensinam matemática*. Campinas: Musa, 2005. v. 1, 223 p.
- FRANCO, M. A. S. Pedagogia da pesquisa-ação. *Educação e Pesquisa*, n. 3, v. 31, p. 483-502, set./dez. 2005.
- GARRIDO, E. Parceria universidade–escola e desenvolvimento profissional docente: desafios e conquistas. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 54., 2002, Goiânia. *Anais...* Goiânia, 2002.
- _____; FUSARI, J. C.; MOURA, O.; PIMENTA, S. G. A pesquisa colaborativa, a formação do professor reflexivo/investigativo e a construção coletiva de saberes e práticas pela equipe escolar. (Projeto USP-Ayres/Fapesp). IX Endipe. *Anais...* São Paulo: Cortez, 1998. v. 1. Águas de Lindóia.
- GERALDI, C.; FIORENTINI, D.; PEREIRA, E. *Cartografias do trabalho docente*. Campinas: Mercado das Letras, 1998.
- HARGREAVES, A. *Os professores em tempo de mudança: o trabalho e a cultura dos professores na idade pós-moderna*. Portugal: MacGraw-Hill, 1998.
- LIMA, E. F. et al. Análise crítica dos trabalhos do GT 08 – 1999-2003. Caxambu, Anped, 2003. Mimeo.
- LÜDKE, M. Combinando pesquisa e prática no trabalho e na formação de professores. *Ande*, ano 12, n. 19, p. 31-37, 1993.
- _____. O professor, seu saber e sua pesquisa. *Educação e Sociedade*, Campinas, n. 74, p. 77-96, 2001.
- _____; CRUZ, G. B. Aproximando universidade e escola de educação básica pela pesquisa. *Cadernos de pesquisa*, v. 35, n. 125, p. 81-109, 2005.
- MIZUKAMI, M. G. N. *Escola e aprendizagem da docência*. São Carlos: Inep, 2003.

MOLINA, R. *A pesquisa-ação/investigação-ação no Brasil: mapeamento da produção (1996-2002) e os indicadores internos de pesquisa-ação colaborativa*. 176 f. Tese (Doutorado em Educação)– FE, USP, São Paulo, 2007.

NÓVOA, A. *Nada substitui o bom professor*. Lisboa, 2007. Mimeografado.

PASSOS, L. F. *A colaboração professor–pesquisador em projetos de pesquisa no interior da escola básica*. 138 f. Tese (Doutorado em Educação)– FE, USP, São Paulo, 1997.

_____. A contribuição da metodologia da pesquisa-ação na formação do professor no interior das escolas. In: CEPFE, 5., 1999, Aguas de São Pedro.

_____. Formação de professores, trabalho docente e o contexto institucional: desafios e contribuições para o debate. *Educação e Linguagem*, ano 10, n. 15, p. 99-116, 2007.

PIMENTA, S. G. Pesquisa–ação crítico-colaborativa: construindo seu significado a partir da experiência com a formação docente. *Educação e Pesquisa*, v. 31, n. 3, p. 521-539, set./dez. 2005.

TARDIF, M.; RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. *Educação e Sociedade*, ano XXI, n. 73, p. 209-244, 2000.

TARDIF, M.; ZOURHLAL, A. Difusão da pesquisa educacional entre profissionais do ensino e círculos acadêmicos. *Cadernos de Pesquisa*, v. 35, n. 125, p. 13-36, 2005.

ZEICHNER, K. Para além da divisão entre professor–pesquisador e pesquisador acadêmico. In: GERALDI, C.; FIORENTINE, D.; PEREIRA, E. (Org.). *Cartografias do trabalho docente: professor(a)–pesquisador(a)*. Campinas: Mercado das Letras; ALB, 1998. p. 207-236.

ZEICHNER, K.; DINIZ-PEREIRA, J. Pesquisa dos educadores e formação docente voltada para a transformação social. *Cadernos de Pesquisa*, v. 35, n. 125, p. 63-80, 2005.

*Recebido em junho de 2007
Aprovado em outubro de 2007*

Sobre a autora:

Laurizete Ferragut Passos é mestre em Educação pela FE/Unicamp e doutora em Educação pela FE/USP. docente do Programa de Estudos Pós-Graduados da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e docente aposentada do Departamento de Educação da Unesp.